

COTIDIANO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Autora: Mairla Mara Fernandes Gonçalves/ UFC.

Co-autora: Jaiane Araújo de Oliveira/ UFC.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo verificar em que medida os grupos juvenis interferem no lazer e no consumo dos seus membros, nas suas relações afetivas e também conhecer as formas de conexões e interações que os/as jovens constroem a partir da escola e de sua participação grupal. A escola é um espaço que possibilita o encontro, fazer amigos e formar grupos de diversas naturezas. Os sujeitos da pesquisa são jovens da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola, localizada no bairro Barra do Ceará em Fortaleza. Com relação à escola, os jovens em seus relatos falam da necessidade de ter mais tempo livre, devido à escola funcionar em tempo integral sentem-se sobrecarregados pelas exigências e regras impostas, por isso, inventam espaços e momentos de sociabilidade no horário do almoço, nos intervalos, nas aulas de educação física e na preparação das comemorações. A relação que os jovens estabelecem entre si no interior da escola pode ser percebida pela formação dos grupos de amigos, pelo grupo de teatro e também se estendem para fora da escola, saem em grupo para divertir-se e consumir juntos, o que demonstra que o grupo interfere no lazer e no consumo dos jovens.

PALAVRAS – CHAVES: Juventudes, Escola, Sociabilidades.

INTRODUÇÃO

Dayrell¹ em suas investigações verificou que nas pesquisas em educação os jovens não eram sujeitos valorizados, tendo a maioria dos trabalhos à escola como foco, analisando os alunos e não os jovens. Assim, o autor realiza uma série de pesquisas articulando tanto a educação como a sociologia da juventude. Nas últimas décadas os estudos sobre juventude em várias dimensões tem ganhado espaço em diversas áreas acadêmicas. Estudos que valorizam os jovens por também serem sujeitos da história, sujeitos que produzem cultura e se organizam.

¹ DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, Jun. 2002, vol.28, no. 1, p.117-136.

Para compreender a juventude realizamos a investigação tendo como objetivos identificar e analisar as experiências dos jovens nos grupos juvenis, os significados que os jovens atribuem ao grupo e a contribuição que o grupo traz para a construção e para apropriação do social, da cidadania e da sociabilidade dos jovens, compreender o significado de lazer para os/as jovens e verificar em que medida os grupos juvenis interferem no lazer e no consumo dos membros que os constituem.

Dayrell² afirma que a juventude é um processo em que os sujeitos se encontram em construção, em que cada indivíduo tem suas especificidades. A juventude constitui um momento de muitas transformações. Nesse sentido, podemos enfatizar juventudes, no plural, devido à diversidade de maneiras de ser jovem.

Considerando a diversidade de juventudes e as necessidades de novos olhares e reflexões sobre essa população, buscamos a compreensão desses questionamentos, procuramos entender os jovens a partir de suas falas, valorizando o discurso e a definição que os próprios jovens têm sobre sua realidade e sobre eles mesmos. Foram utilizadas técnicas que favorecessem a participação dos sujeitos, como formação de grupos focais, entrevistas, observação e aplicação de questionários.

Pensamos a juventude de acordo com Pais³, de forma diversificada e heterogênea, e que é a partir do contexto que os jovens estão inseridos e que podemos compreender as diversas culturas juvenis com suas linguagens e expressões. Não existindo apenas um tipo de juventude e sim grupos juvenis. Tendo como temas centrais no cotidiano dos jovens os grupos e o lazer. As práticas culturais e os momentos de lazer dos jovens vão ocorrer nos momentos de tempo livre, onde vai existir a sociabilidade entre os jovens.

Trabalhamos com uma visão positiva da juventude, onde eles também são sujeitos sociais que constroem um modo de ser jovem a partir de seu cotidiano. Consideramos os jovens como uma construção social considerando a sua realidade a partir, das diversidades culturais, simbolizada e vivida pela diferença de classe, gênero, etnia, orientação sexual e territorial. (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES; DAYRELL)⁴.

² DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.

³ PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

⁴ ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com pesquisas anteriores e segundo estudiosos da juventude, os jovens apresentam um protagonismo crescente, em várias esferas como no lazer, escola, família, desenvolvem suas identidades, que são passadas para o âmbito da escola e muitas vezes as relações com a escola vão ser de forma tensa.

Concordarmos com o conceito de Pais⁵, quando o autor afirmar que não existe apenas uma juventude homogênea, existe diversas juventudes. Dayrell⁶, Sales⁷, Damasceno⁸, entre outros autores, também entendem a juventude de forma heterogênea e plural, considerando as diversas formas de ser dos jovens. Assim a juventude deixa de ser vista e analisada apenas por critérios rígidos e passa a ser considerada no seu contexto social, considerando as particularidades de cada um.

Os grupos juvenis tem o grupo como um espaço coletivo, lugar para novas experiências, de reconhecimento e pertencimento, onde constrói suas identidades, tanto individuais como as coletivas. (SOUSA)⁹. Pais¹⁰ também aborda as culturas juvenis como um espaço de construção de identidades, onde as identidades são afirmadas através de símbolos.

Segundo Dayrell¹¹, nas culturas juvenis, o lugar mais propício para formação de grupos é nos momentos de lazer. É nesse espaço que vão existir as relações de sociabilidade, com trocas de experiências, favorecendo na construção das identidades individuais e

⁵ PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

⁶ DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.

⁷ SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventude, espaços de formação e modos de vida**. Educação Temática Digital, vol. 12. Campinas, 2010.

⁸ DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO *et all* (Orgs.). **Trajetórias da Juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

⁹ SOUSA, Janice Tirelli Ponte. Herdeiros deserdados juvenis: do pragmatismo à convicção política. In: ENCONTRO DE PRÉ-VESTIBULAR POPULAR, 2000, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2000.

¹⁰ PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

¹¹ DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100. p. 1105-1028, 2007.

coletivas. Pois são nos momentos de lazer que os jovens se sentem mais livres das regras. A sociabilidade também pode ocorrer em outros espaços, nos intervalos das obrigações como também nos espaços institucionalizados como a escola. Os jovens alunos levam para escola referências de sociabilidades e interações que se distanciam das referências institucionais. Cabe à escola reconhecer outros processos culturais educativos que fazem parte da vida dos jovens, mas não são próprios da cultura da escola (CARRANO) ¹². Concordamos com Carrano¹³, quando esse afirma que a,

Escola sinaliza dificuldades de lidar com a diversidade que caracteriza esta juventude, sendo a homogeneidade muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade quer seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou ética. (p. 16).

Para Simmel¹⁴, a sociedade e movida de interações entre os indivíduos, surgindo essa interação a partir de objetivos e finalidades em comum, em uma relação de convívio um com o outro, essas interação com outro que passa de uma forma individual para o coletivo e denominado sociação. Sendo a sociabilidade uma forma de sociação, a forma mais livre de viver a vida, livre de todos os conteúdos. Mesmos em encontros por objetivos definidos e específicos, vai existir a socialização e o prazer de estarem uns com os outros reunidos. A forma como este processo de sociação se desenvolve, passa a ser a sociabilidade, que ocorre quando os indivíduos passam a interagir surgindo essa interação sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades.

A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentimento imediato, por si sós, sociais. São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de está com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. (SIMMEL, 1983; p. 60).

¹² CARRANO, Paulo Cesar R. Identidades Juvenis e Escolas. *In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

¹³ CARRANO, Paulo Cesar R. **Identidades juvenis e escola**. Revista de Educação de Jovens e Adultos, n.10, nov. 2000. Alfabetização e cidadania

¹⁴ SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

A transformação dos espaços físicos em espaço social é muito forte no cotidiano juvenil, pois transformam esses espaços atribuindo vários significados. Como por exemplo, no espaço escolar, que apesar dos jovens considerarem enfadonhos eles vão dando significado aos espaços dentro da escola, passando a ser um espaço de conversas, trocas afetivas e simbólicas cheias de significados (DAYRELL) ¹⁵.

Quando a escola não considera a existência de outros processos culturais educadores, ela vai esta se fechando. Pois assim a escola se revela isolada, não existindo o contato com outras realidades necessárias para a educação. Para educar é preciso conhecer o aluno não só no aspecto racional (CARRANO) ¹⁶.

Dayrell¹⁷ considera a escola como um espaço sócio – cultural, que possui duas dimensões: Uma que se dar de forma institucional, dotada de regras e normas que busca homogeneizar os sujeitos e outra que se dar no cotidiano, marcada por relações sociais entre os sujeitos, que acontece os conflitos é as imposições a regras, onde os sujeitos buscam estratégias de formas individuais e coletivas. Marcado por um processo de resignificação dos espaços, das normas e das práticas.

Os jovens vão atribuindo e resignificando os espaços dando novos significados, marcando esses espaços por suas próprias identidades. Além dos espaços os jovens também possuem um grande poder de expressão através do corpo, com estilos e atitudes que são compartilhados muitas vezes dentro dos grupos juvenis. O corpo e sua ferramenta para expressar - se com gestos e movimentos, não sendo estas características negativas. (CARRANO) ¹⁸.

Nas instituições escolares, parece existir uma dificuldade em lidar com a heterogeneidade dos jovens, onde a homogeneidade é muito presente na cultura escolar, em vários aspectos como de cultura regional, classe, gênero, etnia. A escola deveria ser também

¹⁵ DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100. p. 1105-1028, 2007.

¹⁶ CARRANO, Paulo Cesar R. Identidades Juvenis e Escolas. *In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

¹⁷ DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. *In: _____*. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

¹⁸ CARRANO, P. C. R. Agra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 450p.

além de um espaço para aprendizagem de conteúdos formais, devirá ser espaço também um espaço cultural, onde os alunos seriam estimulados a refletir, questionar, criticar e vários outros segmentos sociais. (CARRANO) ¹⁹.

METODOLOGIA

A Pesquisa teve como sujeitos os jovens estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola, localizada no bairro Barra do Ceará em Fortaleza.

A Escola profissionalizante, de ensino médio, funciona em tempo integral, e oferece os cursos de Enfermagem, Turismo, Informática. Ela tem uma proposta diferenciada de ensino com objetivo de articular o currículo do ensino médio com a formação para o mundo do trabalho. O formato de ensino profissionalizante adotado nesta escola foi uma adaptação do modelo implantado em Pernambuco, e teve início no Ceará em agosto de 2008, o Governo Estadual instituiu em 25 escolas essa nova modalidade de ensino, que integra Ensino Médio a Educação Profissional, funcionando em tempo integral. Em 2009 foram 27 escolas inauguradas e em 2010, 49 escolas perfazendo um total de 100 escolas profissionalizantes nos municípios cearenses.

Levamos em conta o cotidiano e os territórios que os jovens utilizam para compreendermos a realidade a partir das experiências dos jovens e das jovens. Partimos do próprio olhar dos jovens e das jovens, no sentido de apreender e compreender as múltiplas formas de construir as culturas juvenis. Estudar as culturas juvenis nos incentiva a conhecer as expressões culturais, as experiências sociais dos jovens e das jovens, a percorrer pelos espaços por onde se move esse universo juvenil. Utilizamos denominações como culturas juvenis e juventudes que são tratadas como plural e heterogênea de acordo com Dayrell ²⁰.

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos construir um referencial teórico, sobre a juventude e culturas juvenis e de temáticas pertinentes a esse momento da vida como as expressões culturais, sociabilidade, conceitos de lazer, grupalidades, família, cultura, escola, educação. Para uma melhor reflexão e aprofundamento sobre as categorias da pesquisa,

¹⁹ CARRANO, Paulo Cesar R. Identidades Juvenis e Escolas. In: **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

²⁰ DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Revista de Estudos Sobre Juventude. Rio de Janeiro, 2005.

estudamos alguns autores fundamentais, são eles: Pais, Dayrell, Carrano, Louro, Simmel, Abramo, dentre outros.

Trabalhamos na perspectiva da pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo²¹, essa abordagem preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com um universo correspondente a processos e fenômenos que não podem ser tratados como variáveis. Uma forma que nos auxilia a olhar e pensar a realidade vivida pelos jovens e por essa abordagem ter a função também de envolver os jovens.

Para alcançar os objetivos utilizamos vários procedimentos: levantamento bibliográfico e estudos sobre as temáticas, aplicação de questionários, grupos focais, observação participante e utilização do diário de campo. Utilizamos esses procedimentos por metodológicos por nos proporcionarem uma maior aproximação e interação com os sujeitos e por serem recursos onde os jovens podem se expressar. As interpretações dos dados foram feitos a partir de relatos dos grupos focais e entrevistas que foram gravadas com a autorização dos entrevistados.

Os questionários foram aplicados nas turmas de informática, turismo e enfermagem totalizando noventa questionários. Dessa maneira, foram: (66%) jovens do sexo feminino e (34%) jovens do sexo masculino. Os seguintes aspectos foram levados em consideração: idade, sexo, participação em algum grupo juvenil, motivo que levou a participação no grupo, lugares que mais frequenta para se divertir, a escola promove atividades de lazer, a influência do grupo nos hábitos de consumo e comportamento dos jovens, espaços e formas de lazer e relação com as novas tecnologias e redes sociais.

Foram realizados vários grupos focais, com o intuito dos sujeitos expressarem suas ideias, pensamento, dúvidas, angústias, medos. De acordo com Gatti²², o grupo focal é uma técnica que envolve uma atividade coletiva, que tem por objetivo discutir um tema a partir da experiência de cada participante, conforme essa técnica pode envolver diferentes tipos de atividades, permitindo a compreensão dos processos de construção da realidade por grupos específicos através de práticas cotidianas, ações, e comportamentos.

Os grupos focais realizados na Escola ocorreram em horários de algumas disciplinas, onde os professores sediam suas aulas para realização da pesquisa. As atividades

²¹ MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

²² GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber livro. 2005.

foram realizadas com as turmas de Informática e Turismo, totalizando 80 estudantes. Para as atividades serem realizadas de forma mais eficazes dividíamos a turma de 40 alunos em dois grupos, junto com as bolsistas introduzimos a discussão preocupadas em utilizar recursos que atraíssem e incentivassem a participação dos jovens, com uma responsável por relatar todas as falas.

Preocupamos-nos em trabalhar atividades que despertassem o interesse dos jovens e incentivasse a participação dos mesmos, os procedimentos aplicados na pesquisa foram planejados respeitando as particularidades dos jovens. Nossa experiência em pesquisar juventudes nos fez perceber que é necessário trabalhar com outros instrumentos que permitam aos jovens se expressarem de forma mais espontânea, pois, consideramos importante a participação dos sujeitos na pesquisa.

Para compreendermos os modos de ser jovem, a importância dos grupos juvenis e a sua relação com o lazer foram desenvolvidas algumas atividades nos grupos, citaremos algumas:

1. Dinâmica de apresentação: Foram espalhadas diversas figuras no centro da sala (imagens de amigos reunidos, esportes, músicas, objetos de tecnologia: celular, computador) os jovens escolhiam a figura, falavam o nome e porque havia escolhido aquela imagem.
2. Música “Não é sério”²³ - os jovens escutaram e acompanharam a letra da música, em seguida solicitamos que se posicionassem criticamente, concordando ou não com a crítica realizada na música.
3. Jogo das tarjetas: a sala foi dividida em dois grupos, cada grupo ficou com tema para discussão. Primeiro grupo - Grupos juvenis e Escola: Conflitos e possibilidades e o segundo grupo – Tecnologias e lazer. Em cada grupo foram dispostas no piso tarjetas com perguntas e afirmações. Cada jovem escolhia uma tarjeta e falava se concordava ou não com a afirmação e quando eram perguntas, respondiam e assim começava a discussão sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

²³ Música - Não é Sério - Charlie Brown Jr. Disponível em FONTE: <<http://letras.terra.com.br/charlie-brown-jr/6008/>>.

Observamos que alguns jovens da escola e em seus relatos falam da necessidade de ter mais tempo livre, devido à escola funcionar em tempo integral sentem-se sobrecarregados pelas exigências e regras impostas, por isso, resignificam os espaços e momentos de sociabilidade no horário do almoço, nos intervalos, nas aulas de educação física. Esses relatos faz refletir e questionar o papel da escola atualmente na vida dos jovens. Será que a escola está preocupada em atrair o jovem para seu espaço, para que eles se sintam pertencentes aquele espaço? Ou falta de reconhecimento das juventudes?

Uma jovem da escola afirma: “Não é questão de mordomia, queremos descansar também, pois não somos robôs e sim humanos”. (Jovem da escola, 17 anos). Podemos perceber que a escola está sempre mais preocupada com o processo de ensino aprendizagem, na transmissão de saberes institucionalizado e não demonstra preocupação com outras formas de aprendizagem que também são importantes para o crescimento humano, como as relações com o outro, os grupos e os momentos de lazer.

Segundo Dayrell²⁴, o grupo significa também um espaço para aprendizagem de crescimento pessoal, um dos poucos espaços coletivos em que há aprendizagem de relações de confiança coletivas. No mesmo sentido, Damasceno²⁵ acrescenta que a escola não reconhece o saber, a cultura, a experiência dos alunos; eles trazem também um projeto, mesmo que restrito. “A escola é parte do projeto dos alunos” (p.23).

Nas falas dos jovens sobre o que é grupo para eles? Eles relataram que o grupo é um espaço de lazer, quando estão juntos se divertem. O grupo da escola é o mesmo fora da escola e sempre saem juntos. Para eles o grupo de amigos é sua segunda família, pois muitas vezes passam mais tempo com eles do que com os próprios pais. Os jovens demonstraram certa angústia ao falarem sobre a vontade de realizarem eventos na escola, mais a escola não permitia é só aceitava pessoas de fora utilizarem o espaço da escola para eventos. Logo existe a necessidade da escola conhecer mais as juventudes e seu cotidiano, para que possa motivar intervir e interagir com eles e para o ambiente escolar não se torne um espaço de angústias.

²⁴DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Revista de Estudos Sobre Juventude. Rio de Janeiro, 2005.

²⁵DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO *et all* (Orgs.). **Trajetórias da Juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

Na escola a sociabilidade está muito presente em todos os momentos, dentro da sala de aula mesmo com todas as regras e mapa de sala, os alunos formam grupos, sentam-se perto, nos intervalos das aulas também podemos observar como os jovens interagem, conversam e se sentem bem ao se relacionar com o outro. Como reflete Pais²⁶, “ não haveria sociedade se não existissem afiliações sociais entre as pessoas, quer na forma de grupos, associações, organizações ou agregados sociais” (p.209).

Quando estudamos juventude não podemos deixar de considerar alguns elementos que são importantes na vida dos jovens como o lazer e a arte que são realizados de forma coletiva. Com os questionários aplicados nas turmas, 50% dos jovens responderam participarem de um grupo religioso, 39 % de grupo de jovens, 17,7 % grupos de música, 12,2% teatro, 24,5% esportes, considerando mais de uma resposta. Na entrevista um jovem relata sobre o grupo de amigos que faz parte na escola: “É um grupo bastante legal, a gente treina na seleção da escola, dias de segunda, quarta e sexta, é tipo assim, como somos amigos tanto fora da quadra e dentro, num tem nenhum conflito, nenhuma discussão, é aquela relação de paz e amor, num tem nada assim de conflito nem nada não. E é bastante legal, bastante interativo. Fazemos muitas coisas juntos, além de jogar futsal a gente vai à praia, vai ao shopping, vai pra igreja, fazemos reuniões na casa de colegas, assistimos filme e tal, várias coisas”. Podemos perceber nas relações dos jovens e em seus relatos uma grande importância dos grupos, muitas vezes sendo um dos motivos de irem à escola. Para eles o grupo é um espaço de amizade, aprendizagem, diversão e lazer.

A pesquisa demonstra a importância dos grupos na vida dos jovens. O grupo torna-se lugar de apoio, de expressão cultural, religiosa e política. Outro fator importante para os jovens é que a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros na sua existência cotidiana (MELUCCI)²⁷.

Apesar da nossa cidade não existir espaços públicos para o lazer, os jovens vão resignificando e recriando formas de diversão no lugar onde vivem. Apropriam-se dos espaços, dando significados e sendo também espaços para construção de identidades, pois vai ser o lugar de encontrar o grupo de amigos. Na escola um grupo relatou que utilizam o espaço

²⁶ PAIS, José Machado. Culturas de Grupo. In: LAGES, Mário Ferreira; MATOS, Artur Teodoro de (Coord.). **Portugal: Recursos de Interculturalidade (Contextos e Dinâmicas)**. Vol. II. Lisboa: Alto-Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.

²⁷ MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais** - Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação número especial, 5-6. São Paulo: Anped, 1997

da biblioteca no intervalo das aulas para conversarem baixinho, pois lá é um espaço para estudos e aproveitam o frio do ar condicionado.

Na escola um símbolo muito forte foi à presença do celular no cotidiano dos jovens, percebe-se que recorrem às múltiplas funções do celular para comunicar-se, enviam e recebem mensagens, conversam, fotografam, filmam, acessam internet, ouvem música, utilizam agenda, calculadora, relógio. Na escola 75% dos jovens costumam utilizar o celular para ouvir músicas, alguns relataram que passam o dia inteiro ouvindo músicas. O modelo de celular também é importante como símbolo de status, assim como ter mais de um celular, ou trocá-lo mais de uma vez por ano. Podemos perceber a importância do celular na fala desse jovem: “eu não vivo sem o meu celular, até por que o celular tem funções do computador, envia mensagens, acessa internet”. Outra jovem completou: “O celular tem mil utilidade, só não faz café (risos)”.

As redes sociais tem ganhado um grande público de jovens, para eles é um espaço virtual utilizado não apenas para se relacionar e conhecer novas pessoas, mas também um espaço onde os jovens podem pensar e expressar o que sentem sobre os mais diversos assuntos sociais, político e, portanto, um espaço do qual podem assumir visibilidade e se fazerem ouvidos e vistos. É muito evidente a presença das redes sociais no cotidiano dos jovens, 68% utilizam a internet com a finalidade de se relacionar e utilizam principalmente o facebook, MSN, e-mail e blogs. Alguns enfatizaram que existe uma relação de dependência entre eles e o uso constante das novas tecnologias, enaltecendo que essas ferramentas se tornaram uma necessidade em suas vidas e em suas práticas quotidianas.

Conclui-se que o lazer, as novas tecnologias de comunicação e o consumo estão bastante associados no modo de vida dos jovens, para exemplificar, constatou-se que o espaço de lazer que mais frequentam para se divertir, 48, 8 % é o Shopping Center. A relação que os jovens estabelecem entre si no interior da escola pode ser percebida pela formação dos grupos de amigos, pelo grupo de teatro e também se estendem para fora da escola, que segundo os próprios jovens, depois de passarem o dia juntos, ao chegar em casa sempre se comunicam pelo celular, pelas redes sociais e nos fins de semana, saem em grupo para divertir-se e consumir juntos, o que demonstra que o grupo interfere no lazer e no consumo dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário uma maior reflexão da escola a cerca da juventude, pois muitas vezes ela não considera as particularidades dos jovens e os jovens por sua vez acham o

cotidiano escolar cansativo longe dos seus interesses indo para escola por uma questão de obrigação. É preciso um maior entendimento das mudanças sócio - culturais que vem ocorrendo, as novas formas de ser jovem e de socialização que vão intervir no ambiente escolar.

Os jovens fazem parte de um contexto histórico e social, logo é preciso considerar o jovem aluno para além dos muros da escola. Pois o jovem carrega consigo uma bagagem de experiências vividas em vários espaços e a escola naturaliza as condições dos sujeitos a apenas meros alunos que não fazem parte do processo de ensino aprendizagem, são apenas ouvintes. Os jovens não são reconhecidos na sua condição juvenil, assim existindo um distanciamento entre os jovens e a escola.

Para os jovens a escola parece distante de seus sonhos e da sua condição juvenil, sendo vivenciado muitas vezes por tensões se tornando um espaço não muito atraente para os jovens. A escola trabalhando com esse público baseada em parâmetros construído em outros tempos. É preciso uma reflexão da escola a cerca dessa educação homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, totalmente disciplinadores e individualizados. A escola deve contemplar espaços e situações que promova experiências de sociabilidade, atualizar os currículos escolares que não respondem aos desafios que estão postos para a educação nesse novo contexto que estamos vivendo.

É necessário sair do modelo conservador invertendo o processo atual, das salas de aulas semelhantes as “Celas de aula” (CARRANO)²⁸. Os alunos sendo obrigados a sentarem onde o professor manda, sem ter a liberdade de escolha, os alunos sendo obrigados a estarem todos padronizados através do fardamento e muitas outras regras que são impostas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil.
Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

²⁸ CARRANO, P. C. R. Agra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 450p.

CARRANO, P. C. R. Agra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 450p.

_____. **Identidades juvenis e escola.** Revista de Educação de Jovens e Adultos, n.10, nov. 2000. Alfabetização e cidadania.

_____. Identidades Juvenis e Escolas. *In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.* Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. *In: DAMASCENO et all (Orgs.). Trajetórias da Juventude.* Fortaleza: LCR, 2001.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. *In: _____.* (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Educação e Pesquisa, Jun. 2002, vol.28, no. 1, p.117-136.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade.** Revista de Estudos Sobre Juventude. Rio de Janeiro, 2005.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 28, n. 100. p. 1105-1028, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Líber livro. 2005.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais** - Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação número especial, 5-6. São Paulo: Anped, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

_____. Culturas de Grupo. In: LAGES, Mário Ferreira; MATOS, Artur Teodoro de (Coord.). **Portugal: Recursos de Interculturalidade (Contextos e Dinâmicas)**. Vol. II. Lisboa: Alto-Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventude, espaços de formação e modos de vida**. Educação Temática Digital, vol. 12. Campinas, 2010.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. Herdeiros deserdados juvenis: do pragmatismo à convicção política. In: ENCONTRO DE PRÉ-VESTIBULAR POPULAR, 2000, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2000.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.